

RESUMO: A proposta deste artigo é pensar a representação poética do sertão em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, como recurso que protagoniza a narrativa e que se manifesta através de diferentes artifícios estéticos. A pesquisa possibilitou concluir que essa percepção do sertão é, de fato, um fundamento na obra-prima euclidiana, para além do *locus* narrativo, podendo ser percebido até mesmo como a prerrogativa do romance – ainda que se dê por meio e em razão da documentação da Insurreição de Canudos.

PALAVRAS-CHAVE: literatura brasileira; *Os Sertões*; Euclides da Cunha; escritor-cidadão.

1. Introdução

Tomando como objeto de análise a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, o presente artigo busca apresentar e compreender de que maneira o sertão aparece neste clássico da literatura brasileira, para além do lugar da narrativa. Dentro dessa perspectiva, propõe-se também a reflexão acerca da linguagem e do conteúdo presentes na obra – inéditos ao seu tempo.

Por meio da leitura cuidadosa da obra e amparado por importantes teóricos como Nicolau Sevcenko, Alfredo Bosi, Alberto Luiz Schneider e outros proeminentes nomes da crítica, o artigo percorre tanto caminhos sociais e políticos quanto literários para introduzir a ideia da centralidade do sertão nesse enigmático volume da literatura nacional, esperando contribuir positivamente para a compreensão do fazer literário enquanto espaço artístico, histórico e político, marcado pela manifestação particular – e peculiar – de um dos mais brilhantes e controversos autores da literatura brasileira.

¹ Graduanda em Língua Francesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília, Distrito Federal, Brasil. O presente artigo foi orientado por Juliana Carvalho A. de Barros.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

2. Breve recorte histórico

O período contemporâneo à obra *Os Sertões* é decisivo sobre sua temática. Conturbados, os anos que antecederam sua publicação, em 1902, refletem diretamente no conteúdo do romance. Em um contexto de intensas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais, o Brasil que antecedeu a virada do século – mais precisamente o Brasil dos anos 1880 – seria considerado uma pátria sem nação, como declarou o francês Louis Couty em um comentário acerca da situação sociopolítica da população brasileira no contexto de proclamação da república: “o Brasil não tem povo” (CARVALHO, 1987, p. 10 apud COUTY, 1881, p. 87-90).

A dura afirmação retrata a problemática da vida política brasileira, e é profunda no sentido de trazer à tona a concepção e a prática da cidadania no imaginário popular. Desde a independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822, a primeira mudança significativa da vida política brasileira aconteceu na transição do regime absolutista para o republicano, que se deu, ironicamente, sem a presença afirmada do povo – não houve aproximação efetiva da população à vida política, muito embora ocupasse papel central no programa republicano.

A proclamação da república somada às intensas agitações relacionadas, principalmente, à abolição do regime escravocrata deixou a população em um estado de frenesi: o enriquecimento torrencial das classes médias ocasionado pela especulação financeira, o aumento populacional nos grandes centros, o afrouxamento dos costumes morais, as revoltas militares, a perseguição a setores reacionários da população, o engrossamento do contingente de mão-de-obra livre – e desempregada – e outros fatores eram fortes indicativos de uma crise sociopolítica.

Dessa maneira, as promessas de desenvolvimento e progresso da República foram sendo cruelmente minadas nos mais genuínos militantes que, na prática, não encontravam espaço político – espaço

SALLES, W. D. C.

que era reservado aos grandes setores comerciais e agrícolas. Em resumo, a primeira experiência republicana foi decepcionante:

A expectativa inicial, despertada pela República, de maior participação, foi sendo assim sistematicamente frustrada. Desapontaram-se os intelectuais com as perseguições do governo Floriano; desapontaram-se os operários, sobretudo sua liderança socialista, com as dificuldades de se organizarem em partidos e de participarem do processo eleitoral [...]. (CARVALHO, 1987, p. 37)

Reprimidas as mobilizações populares, abria-se caminho para o autoritarismo. Uma leitura positivista da república enfatizava e reforçava uma postura autoritária. Toda essa dificuldade de mobilização popular refletia não só os abismos entre o programa político republicano e a prática, mas também o reconhecimento da população enquanto nação – que não era ainda tão clara, apesar do Brasil já independente.

Se a definição de nação é uma atitude política que envolve, entre outros fatores, a identificação de um povo com determinado território e determinada cultura, é possível dizer que foi a partir da segunda metade do século XVIII, com a decadência do ciclo da mineração no Brasil colonial, que o sentimento de nacionalidade ganhou força, se comparado à independência do Brasil que, diferentemente de outros processos de independência da América Latina (marcados principalmente por revoltas e levantes populares), esteve fortemente relacionado à políticas externas que envolviam a Europa, “pouco contribuiu para a construção do sentimento nacional” (OLIVEIRA, 1990, p. 77).

A questão da nacionalidade incide inegavelmente sobre o período literário contemporâneo a todas essas transformações, sobre a chamada geração de 1870. Essencialmente positivista, a literatura do final do século XIX caracteriza-se pela apresentação quase técnica do que era o Brasil em seus mais diversos aspectos: étnicos, geográficos, culturais,

SALLES, W. D. C.

políticos, sociais, históricos. Era o fim do domínio romântico que tinha, na literatura, uma ferramenta idealizadora, que se forjava ao projeto literário de exaltação das características de um Brasil afeiçoado aos padrões estéticos da Europa iluminista. Na geração de 1870, a questão do nacionalismo é percebida com mais maturidade: um nacionalismo que se alimentava do regional sem limitar-se a ele. Contudo, o fazer literário pré-modernista, ainda subordinado, não conseguiu romper totalmente com determinados padrões estéticos, mas distanciou-se intrinsecamente dos versos parnasianos e simbolistas tão envergonhados do Brasil.

O fato é que a “geração modernista de 1870” (CÂNDIDO, 1963) preparou o terreno para o que viria a ser a literatura moderna da Semana de Arte de 1922. Eis o nascimento do “escritor-cidadão”: crítico, politizado, de sutil ou escancarada denúncia, apropriado da cultura do seu país, pesquisador dos costumes e da língua, muito embora ainda elitizado, positivista e acadêmico, sendo raras as exceções.

A percepção do autor, hoje caduca, é revigorada pela potência da palavra, rigorosa e poética, subvertendo o próprio texto e permitindo múltiplas ressignificações e aproveitamentos. [...] Os Sertões foi capaz de tocar uma multiplicidade de questões que vão do econômico-social (o latifúndio, a pobreza) ao político (a República e seus limites), do intelectual (o cientificismo, o naturalismo, o decadentismo) ao religioso (o messianismo, o catolicismo popular). Por essas e outras razões, Os Sertões é um dos documentos fundamentais da história do Brasil, reflexo e reflexão de um país carregado de temporalidades polissêmicas e contraditórias. (SCHNEIDER, 2014, p. 79)

Nesse sentido, é possível reconhecer em Euclides um dos primeiros exemplares do escritor-cidadão, justamente porque os relatos de sua autoria a respeito da Insurreição de Canudos, até mesmo como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*, apresentavam notável modernidade tanto da perspectiva da técnica – já que transitava por diversos gêneros textuais – quanto da perspectiva do conteúdo –

SALLES, W. D. C.

sempre crítico e questionador. Esse estilo estava na contramão de outros relatos jornalísticos produzidos à época, demonstrando que em Euclides da Cunha havia uma questão interpretativa e argumentativa acerca do conflito, no sentido de realmente compreender o que era o sertão, a guerra e o sertanejo:

A linha editorial de *O Estado de S. Paulo* não serviu como um caráter delimitador de seu trabalho, pois apesar de a opinião pública ter sido insuflada a odiar Conselheiro e seus seguidores, Cunha, através de suas reportagens, insurgiu um outro olhar de compreensão e questionamento sobre a campanha. (BARONI, 2011, p. 12-3)

Dessa forma, é notável a diferença entre o Euclides que chega ao arraial em 16 de setembro de 1897 e o Euclides que parte de Canudos em 3 de outubro do mesmo ano: o primeiro, vê no sertanejo apenas o fanático religioso, o retrógrado, o ingênuo e o rebelde, facilmente domado pela propaganda do Império; para o primeiro Euclides, o sertanejo ainda é uma espécie de inimigo, sobre o qual a República certamente triunfará, seguindo tradicionalmente o imaginário que o litoral nutria em relação ao interior do Brasil.

Entretanto, a vivência da guerra é suficiente para perceber que, no segundo Euclides, há o reconhecimento do sertanejo como indivíduo que luta pela sobrevivência dele mesmo enquanto sujeito em um ato de resistência pela proteção de sua cultura, de sua casa, de sua terra. O primeiro Euclides vai diluindo-se no segundo, até o ponto máximo da afirmação de um sobre o outro na icônica frase: “o sertanejo é antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2016, p. 116)

Outros aspectos, ainda notáveis, demonstram que a percepção euclidiana foi transformando-se ao longo das experiências de sua viagem como correspondente, como ele mesmo afirma, dentre outras vezes, em nota preliminar a *Os Sertões*:

SALLES, W. D. C.

A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável “força motriz da História” que Gumplowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes. A campanha de Canudos tem por isto a significação inegável de um primeiro assalto, em luta talvez longa. *Nem enfraquece o asserto o termo-la realizado nós, filhos do mesmo solo, porque etnologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela indústria alemã – tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes. Além disto, mal unidos àqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica – o tempo. Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo.* (grifo nosso) (CUNHA, 2016, p. 14)

Os Sertões é, então, a certidão de nascimento desse novo tipo escritor e é também o epitáfio deixado sobre o que restou do povoado insurreto que se enraizou no Brasil e no brasileiro da modernidade. A partir daqui, o escritor(-cidadão) assume responsabilidades distintas das antigas: não só a de construir a identidade e memória nacionais, mas também de não ser conivente com um forjamento fictício das mesmas, evitando o apagamento histórico de lutas e povos, deixando a consciência política como grande legado literário.

2. A tríade: terra, homem, luta

O romance, publicado em 1902, constituiu-se como produto final da excursão do correspondente dO *Estado de S. Paulo*, o engenheiro, militar, naturalista, jornalista, geógrafo, professor, poeta, romancista, ensaísta e escritor Euclides Rodrigues da Cunha a respeito da curta viagem ao interior da Bahia, em 1897, a fim de documentar o conflito em Canudos. O período foi, no entanto, suficiente para gerar um volume de cerca de 600 páginas (variando de acordo com a edição). Delineando a composição de um Brasil olvidado, sob a égide de dados históricos, naturais, religiosos, geográficos, linguísticos, cartográficos,

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

SALLES, W. D. C.

étnicos e culturais, o romance mostra também a improvável – e genial – hibridez de gêneros literários díspares, sem jamais deixar de ser poético, como somente este foi capaz de ser: retórica do estilo euclidiano.

O primeiro capítulo, *A Terra*, narra os aspectos físicos da terra ignota: sua composição geológica, sua flora, sua fauna e seu clima, descrevendo com riqueza de detalhes o fenômeno da seca e suas consequências: as chuvas torrenciais violentas e breves, a paisagem fulminada pelo sol, o grito da natureza morta do sertão. Durante todo o romance, mas especialmente aqui, Euclides retrata o martírio da terra, armando, então, o palco onde serão ambientados, posteriormente, *A Luta* e *O Homem*, seu paladino. Apesar do cenário desolador descrito pelo autor, este não deixa de encantar-se pelas infinitas antíteses naturais das terras do Norte – “o sertão é um paraíso...” (CUNHA, 2016, p. 57).

O segundo começa tratando, principalmente, dos tipos étnicos, do hibridismo das “raças” inegavelmente embebido no cientificismo da época, caracterizando negativamente a miscigenação. Entretanto, mais adiante Euclides da Cunha descreve o sertanejo como ‘raça forte’. É interessantíssimo o posicionamento que o autor assume de maneira a reconhecer no sertanejo o tipo brasileiro mais representativo, ainda que o sertanejo seja um exemplar intrínseco da mistura étnica.

No capítulo *O Homem*, Euclides descreve os mestiços do Brasil do interior – de três raças em guerra-e-paz, em três séculos de história – com a cabeça povoada pela antropologia biológica, europeia de seu tempo. O cientista letrado condena as “gentes cruzadas”, “degeneradas” e “neurastênicas” do Brasil profundo, mas absolve o homem do sertão de juízo mais severo. (SCHNEIDER, 2014, p. 77)

O capítulo é enriquecido, ainda, pela documentação de aspectos culturais do nordeste brasileiro, tais como a vaquejada, a arribada, as danças e cantigas, os retirantes, a experiência de Santa Luzia e a religiosidade sertaneja. Essa religiosidade parece ser determinante ao conjunto de caracteres morais do sertanejo, capaz até mesmo de transfigurar, pela fé, Pedra Bonita em Monte Santo. A ênfase à religião culmina no surgimento de Antônio Conselheiro, em quem Euclides configura o sertanejo. Eis o particular que explica o geral, o ponto de convergência das características da sociedade que se formou no sertão:

Espécie de grande homem pelo avesso, Antônio Conselheiro reunia no misticismo doentio todos os erros e superstições que formam o coeficiente de redução da nossa nacionalidade. Arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque o dominavam as aberrações daquele. Favorecia-o o meio e ele realizava, às vezes, como vimos, o absurdo de ser útil. Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais; e jugulado por ela espelhava em todos os atos a placabilidade de um evangelista incomparável (CUNHA, 2016, p. 176)

Em *O Homem*, Euclides também descreve e ambienta o povoado comandado por Antônio Conselheiro. Canudos é apresentada como antro de rebeldia e devoção, de soberania popular e submissão contrita, de condenação da aguardente e aprovação da pilhagem: Canudos era, simultaneamente, a sacra casa do crente fervoroso e do bandido solto; a manifestação concreta de antíteses, de loucura, de degeneração.

É uma constante em sua obra a ênfase sempre recorrente sobre os contrastes, as antíteses, os choques, os confrontos, os desafios, os cotejos, as oposições, os antagonismos. (SEVCENKO, 2003, p. 136)

A Luta aciona a dinâmica do romance, movimentando os cenários onde o homem do sertão protagoniza o conflito. O fanatismo dos seguidores de Antônio Conselheiro dita os termos da epopeia nordestina. Os fiéis desenham o perfil do paladino do sertão de Canudos lutando bravamente, carregando os cadáveres dos mártires da fé, empunhando as armas da crença que lhe foi incutida nos mais profundos recônditos morais.

A luta é, em *Os Sertões*, a rebelião dos abandonados, mas também a desconstrução da ideia litorânea do sertanejo ignorante, já que este vence por diversas vezes o sofisticado exército republicano. Dignidade, inteligência e coragem: aspectos que moldam e qualificam o que Euclides chamou de “raça forte”, em aparente antagonismo ao ideal antirrepublicano, aspecto que possivelmente motiva a alcunha atribuída ao sertanejo como “mestiço degenerado”.

Sem redenção, Canudos perseverou até o esgotamento total, até ser cruelmente abatida nos últimos quatro representantes da resistência. E eis que o desfecho profundamente triste mostra o Conselheiro levado como troféu mais absurdo das loucuras e dos crimes das nacionalidades, para os quais, segundo Euclides, não há nenhum Maudsley – que não haja mesmo nenhum fator científico para crimes tais, mais que hediondos, mas antes, que haja sempre (e ao menos) a denúncia.

3. O protagonismo do sertão

O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surgem de uma luta que ninguém descreve – a insurreição da terra contra o homem.

Euclides da Cunha

O sertão, em *Os Sertões*, constitui um espaço peculiar, cuja naturalidade própria dá o tom da narrativa segundo a dinâmica das

SALLES, W. D. C.

suas forças naturais, já que “as potências físicas são personagens mais bem-acabados que os indivíduos” (SEVCENKO, 2003, p. 136). O sertão, portanto, não é uma mentalidade criada pelos tipos sociais e suas relações com o meio natural: pelo contrário, a invisibilidade da presença humana é que constitui o grito silencioso na imensidão das terras sertanejas; o sertão é a terra ignota, o lugar inabitado, o vazio demográfico mais significativo do território brasileiro.

Por não possuir esse caráter de materialidade, a percepção do sertão para além do *locus* narrativo na obra provoca o rompimento entre a estética e a realidade empírica que domina as abordagens narrativas de modo geral. A ideia de sertão, em *Os Sertões*, possui um fundamento estético distinto das noções usuais de lugar narrativo, pois o animismo das forças naturais é o que dita os termos do enredo euclidiano, o que pode ser notado a partir da noção de que os aspectos dinâmicos do sertão operam absolutamente tudo – ou melhor: não é o sertão que está em tudo, tudo está nele. A colocação do sertão como metáfora dos demais elementos da narrativa se repete ao longo de todo o romance, e é nesta dimensão que o presente artigo procura apresentar sua proposta de análise do discurso.

Assim, o desencadeamento do romance produz, no leitor, o efeito de reconhecimento das características físicas do meio na personalidade do vaqueiro, do jagunço e do Conselheiro, bem como na descrição da guerra, das armas e das indumentárias, de tal maneira que reverbera até mesmo no próprio Euclides, como afirma Alberto Luiz Schneider: “Euclides da Cunha foi um homem incomum, retorcido como a caatinga que descreveu.” (SCHNEIDER, 2014, p. 67).

A composição do universo sertanejo construído por Euclides da Cunha, para além de sua historicidade, da documentação da Insurreição de Canudos (que torna o romance fundamental à compreensão da nacionalidade brasileira) e de sua cientificidade, é essencialmente o quadro que antecede tudo isto: “o martírio do homem, ali, é o reflexo da tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia

SALLES, W. D. C.

geral da Vida. Nasce do martírio secular da terra..." (CUNHA, 2016, p. 69).

É este, pois, o conflito insolucionável d'*Os Sertões* e, ao mesmo tempo, a locomotiva da história do povo sertanejo: *a insurreição da terra contra o homem* é o que subordina as mais profundas raízes morais e práticas do cotidiano, é a causa que gera no homem do sertão os efeitos mais variados, produto direto da religiosidade, das festividades, da fala, da culinária, da vestimenta, da poesia, enfim, da vida. Euclides da Cunha capta com impressionante sensibilidade o intricar de caracteres da terra e do seu homem:

Há, contudo, ainda algo de absolutamente original na sua linguagem e no seu realismo, procedente em particular do seu estilo narrativo. Adepto modelar da filosofia estética de Spencer – vértice da sua obra – que impõe “ao poeta [...] a subordinação às leis naturais”, Euclides da Cunha precedia a rigorosa seleção dentre os fatos reais, só elegendo para compor os seus textos aqueles que condensassem em si uma grande potencialidade como fenômenos sociais ou naturais.” (SEVCENKO, 2003, p. 136)

Dessa maneira, é possível compreender que não é a intervenção humana sobre a terra que qualifica o sertão; não são as construções ou os costumes ou as gentes que o singularizam, mas, antes, a própria possibilidade da ausência de qualquer um desses fatores.

É evidente que Euclides baseia-se em aspectos filosóficos como o positivismo e o evolucionismo para compor o universo da narrativa. Nesse sentido, ele apresenta fatores que, historicamente, teriam conduzido à guerra, qualificando estes fatores como deterministas. Raça, período histórico e ambiente seriam, então, os pilares científicos da guerra: “as circunstâncias históricas, em grande parte oriundas das circunstâncias físicas, originaram diferenças iniciais no enlace das raças, prolongando-as até ao nosso tempo.” (CUNHA, 2016, p. 93)

SERTÃO: PARA ALÉM DO *LOCUS* NARRATIVO

Entretanto, a obra-prima de Euclides da Cunha se torna literária no momento em que ultrapassa a dimensão do científico – a sua linguagem, ainda que possua caráter majoritariamente objetivo, relaciona-se com a realidade por meio da metáfora: é preciso recorrer à estética literária para dar conta da dependência existente entre a natureza e o homem; para dar conta da coexistência e do condicionamento entre terra, luta e homem.

3.1. O sertão como recurso metafórico da terra, do homem e da luta

Há ainda que se mostrar como esse recurso estético é percebido nos elementos naturais (terra), humanos (homem) e dinâmicos (luta) durante a narrativa.

Na dimensão da natureza, a utilização do sertão como recurso estético parece exceder o limiar da representação do meio físico:

Assim se vão os dias. Passam-se um, dous, seis meses venturosos, derivados da exuberância da terra, até que surdamente, imperceptivelmente, num ritmo maldito, se despeguem, a pouco e pouco, e caiam, as folhas e as flores, e a seca se desenhe outra vez nas ramagens mortas das árvores decíduas... (CUNHA, 2016, p. 58)

Isso porque, na obra, o fenômeno da seca é apresentado como algo que martiriza o homem, sim, mas, sobretudo, a própria natureza. De sorte que essa interpretação da seca, ainda que ela seja uma condição natural da região nordestina – naturalidade esta que não passaria despercebida a um geógrafo –, evoca uma significação misteriosa, ambígua e mítica, que se situa em espaços extrínsecos e intrínsecos ao longo do romance: pois como poderia um fenômeno, tal qual a seca no sertão, ser antinatural?

[...] cenários em que ressalta, predominantemente, o aspecto atormentado das paisagens. Porque o que estas denunciam [...]

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

SALLES, W. D. C.

é de algum modo o martírio da terra, brutalmente golpeada pelos elementos variáveis [...]. as forças que trabalham a terra atacam-na na contextura íntima e na superfície [...]. (CUNHA, 2016, p. 28-9)

Essa percepção constitui-se como mais uma antítese, como mais um dos contrastes que se evidenciam ao longo do romance. O dia escaldante, a noite enregelada, as chuvas impetuosas, a vegetação morta: o cenário construído da região a partir desses elementos é sempre um retrato da manifestação violenta da natureza, que atinge fatalmente o homem mas, curiosamente, também esta mesma violência da natureza protege-o, alia-se a ele – pelo menos na guerra:

[...] tínhamos a esgrima perigosa com os guerrilheiros esquivos, cuja força estava na própria fraqueza, na fuga sistemática, num vai e vem doudejante de arrancadas e recuos, dispersos, escapantes pelo seio da natureza protetora. (CUNHA, 2016, p. 252)

O reconhecimento do sertão como metáfora em relação ao homem ocorre repetidas vezes pelo processo de personificação: “*perfeita tradução moral dos agentes físicos da sua terra*, o sertanejo do Norte teve uma árdua aprendizagem de reveses.” (grifo nosso) (CUNHA, 2016, p. 121). Nesse trecho, o sertanejo é apresentado como a personificação do sertão, pois o homem é, para Euclides, a descrição exata e poética da apropriação dos elementos com os quais convive:

Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia (...). É inconstante como ela. É natural que o seja, viver é adaptar-se. Ela o talhou à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto... (grifo nosso) (CUNHA, 2016, p. 121-122)

Esta simbiose do meio com o homem não é perceptível apenas na figura genérica do sertanejo, ela também acontece na caracterização do personagem principal da sua narrativa, Antônio Conselheiro, a quem o

SALLES, W. D. C.

narrador euclidiano chama “representante natural do meio em que nasceu”, “gnóstico bronco”. Em diversas passagens do livro, ao tratar do Conselheiro, mostra-se uma influência sobre o povo sertanejo condicionada ou por agentes morais ou por agentes físicos:

A regressão ideativa que patenteou, caracterizando-lhe o temperamento vesânico, é, certo, que caso notável de degenerescência intelectual, mas não o isolou – incompreendido, desequilibrado, retrógrado, rebelde – no meio em que agiu. Ao contrário, este fortaleceu-o. (grifo nosso) (CUNHA, 2016, p. 151)

No que tange à representação da luta por meio do sertão, a terra pode ser entendida como a mais poderosa aliada – senão a única – do povo sertanejo que resistia às intencões do exército republicano. Era a terra que possibilitava aos sertanejos a fuga, a estratégia de combate e a vantagem:

Não arremetiam mais em chusma sobre a linha, desafiando as últimas granadas; flanqueavam-na, em correrias pelos altos, deixando que agisse, quase exclusiva, a sua arma formidável – a terra. Esta bastava-lhes. (CUNHA, 2016, p. 270)

A representação atinge, aqui, a mais violenta matiz, se comparada aos outros espectros em que figura. Muito mais que o martírio da terra e do homem, documentados à exaustão, a guerra trouxe horrores inúmeros e devastadores, muito maiores até do que aqueles que traziam os fenômenos naturais. Diante da insuportável e atroz desumanidade com que avançavam as expedições sobre Canudos, até mesmo as forças implacáveis da natureza calavam-se:

A natureza toda quedava-se imóvel; naquele deslumbramento, sob o espasmo da canícula. Os próprios tiros mal quebravam o silêncio: não havia ecos nos ares rarefeitos, irrespiráveis. Os estampidos estalavam, secos, sem ressoarem; e a brutalidade

SALLES, W. D. C.

humana rolava surdamente dentro da quietude universal das cousas... (CUNHA, 2016, p. 271)

Desde já, presencia-se o cortejo fúnebre da natureza ante as monstruosidades de que dispunham os homens, donos de tão incompreensíveis forças. A guerra, sob essa percepção, apresenta-se como o vazio profundo em que as antíteses reverberam pelo silêncio rouco e triste, tal qual o grito surdo da natureza que luta pela sobrevivência na estiagem cruel que atravessa os sertões. Aqui, o paralelo inquietante mostra que a terra-arma, a terra-protetora é também aquela que recebe o cadáver do seu paladino e do seu algoz – sem distinção:

Os primeiros aguaceiros varrem, de pronto, esses espantelhos sinistros. A decomposição é, então, vertiginosa, como se os devorassem flamas vorazes. É a sucção formidável da terra, arrebatando-lhes, ávida, todos os princípios elementares, para a revivescência triunfal da flora (CUNHA, 2016, p. 459)

A partir daqui, o cenário se faz cada vez mais lúgubre. Talvez nem mesmo a poética dê conta do desfecho vertiginoso a que foi submetida a insurreta Canudos. O terror, o medo e a miséria contrastando repulsivamente com a coragem e o heroísmo que ainda restavam: suicídio formidável que, aos últimos dias, já não possuía sequer o caráter militar. De tão disforme, ali só figuravam hediondos absurdos que culminaram no abatimento absoluto do arraial: “mas eram terríveis lances, obscuros para todo o sempre.” (CUNHA, 2016, p. 576)

Canudos não se rendeu, entrando, assim, bravamente para a história, ao cair dos últimos defensores sob o crepúsculo rápido dos céus que cobriam o sertão no dia 5. Deste fim emerge o todo contraditório em que se perderam, para sempre, os últimos vestígios da humanidade que havia em Canudos. Os republicanos, julgando-se sábios, tornaram-se loucos – tal qual a sentença paulina na epístola aos

SERTÃO: PARA ALÉM DO *LOCUS* NARRATIVO

romanos. Depois de ceifadas as vidas, destruídas as casas e desaparecidos os prisioneiros, desenterraram o Conselheiro com o cuidado exato a que se descobre um tesouro, posto que era isto mesmo: “dádiva preciosa – único prêmio, únicos despojos opimos de tal guerra!” (CUNHA, 2016, p. 577).

Talvez uma das últimas e mais impressionantes metáforas entre o sertão e a guerra deixada ao leitor seja a imagem do ocultamento.

O sertão é o homizio. Quem lhe rompe as trilhas, ao divisar à beira da estrada a cruz sobre a cova do assassinado, não indaga do crime. Tira o chapéu e passa. [...] Canudos tinha muito apropriadamente em roda, uma cercadura de montanhas. Era um parêntese, era um hiato; era um vácuo. Não existia. (CUNHA, 2016, p. 538-9).

O atentado não seria possível em qualquer outra parte do Brasil, porque é no vazio absoluto do sertão que o silêncio se faz intransponível, implacável. Em *Os Sertões*, esta lacuna é tudo.

4. Conclusão

A animalidade primitiva, lentamente expungida pela civilização, ressurgiu, inteiriça. (...) nada tinha a temer. Nem mesmo o juízo remoto do futuro. Mas que entre os deslumbramentos do futuro caia, implacável e revolta; sem altitude, porque a deprime o assunto; brutalmente violenta, porque é um grito de protesto; sombria, porque reflete uma nódoa – esta página sem brilhos...

Euclides da Cunha

O presente artigo buscou trazer uma perspectiva possível sobre a poética de *Os Sertões*, partindo do princípio estético da metáfora para explicar porque a obra extrapola os limites do científico – ainda que apresente hibridez entre formas textuais e linguísticas majoritariamente atribuídas a gêneros científicos ou jornalísticos (que não fazem uso da subjetividade).

A obra situa-se no sutil limiar entre o literário e o científico, uma vez que a linguagem, a temática e o conteúdo empregados evidenciam que o jaez literário se manifesta em todas estas esferas. Por meio dos argumentos e exemplos apresentados, é possível concluir que a ideia de sertão, de fato, perpassa todas as instâncias da obra. Fica nítido, também, o caráter de denúncia, notavelmente sociológico e jornalístico, no sentido de dar conta da dimensão histórica da Insurreição de Canudos.

O artigo logrou, também, explorar a possibilidade de um novo olhar sobre o que foi o conflito em Canudos, a partir de um posicionamento crítico embasado pela narrativa honesta e detalhada de Euclides da Cunha, em que é possível captar as minúcias do que foi a vida dos sertanejos em Canudos do ponto de vista da formação cultural, social, étnica e orgânica do povoado.

No tocante ao protagonismo do sertão, este é reconhecido, aqui, como o fundamento que sustenta e motiva a diegese. O sertão é percebido, também, como a força intransponível que nutre, supre e socorre o sertanejo na guerra; ao passo que esta mesma força implacável o consome, flagela e martiriza, imprimindo na terra, no homem, na guerra e em tudo este caráter inexorável e misterioso de força.

Em *Os Sertões*, a qualificação da *Terra*, do *Homem* e da *Luta* é sempre feita a partir do não-sertão: é, então, uma imagem construída pelo olhar externo, a partir de uma sensibilidade estrangeira e de interesses exógenos, que, no entanto, é transformada à luz do testemunho vivo de um sertão que resiste ao tempo, às filosofias e até mesmo às próprias adversidades. O Euclides da Cunha que escreve ao final de *Os Sertões* é diferente daquele Euclides que o inicia: ninguém saiu ileso à Insurreição de Canudos – visto que *a luta* muda, sempre e para sempre, *a terra*, *o homem* e a história.

SERTÃO: PARA ALÉM DO *LOCUS* NARRATIVO

SALLES, W. D. C. Sertão: para além do locus narrativo. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 299-316, 2017.

SERTÃO: BEYOND THE NARRATIVE LOCUS

ABSTRACT: the purpose of the article is to think of the poetic representation of the sertão in *Os Sertões* of Euclides da Cunha as the narrative feature that manifests itself through different aesthetic devices. The research made it possible to conclude that this perception of the sertão is, in fact, a foundation in the euclidean masterpiece, beyond the narrative locus, and can be perceived even as the prerogative of the novel - even if given through the documentation of the Canudos War.

KEYWORDS: brazilian literature; *Os Sertões*; Euclides da Cunha.

Referências Bibliográficas

- AMADO, Janaína. *Região, Sertão, Nação*. Estudos Históricos, vol 8, nº 15 (1995).
- BARONI, Alice. *Guerra de Canudos: uma leitura euclidiana*. VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOSI, Alfredo. *O pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CARVALHO, José Murilo de. "O Rio de Janeiro e a República". *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Pensamento social e linguagem n'Os Sertões de Euclides da Cunha: entre a ciência europeia e a experiência sertaneja*, 2014.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.